

A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA COMO (DES)ORIENTAÇÃO DE PESQUISAS EM LINGUÍSTICA APLICADA

Daniel dos Santos¹ – Universidade Estadual de Campinas

Resumo:

Por meio de epistemologias às quais a Linguística Aplicada no Brasil está afiliada, acredito ser essencial discutir o compromisso ético do pesquisador ao engajar-se em estratégias de divulgação que possibilitem à área e aos programas de pós-graduação a responsabilidade de repensar o fazer científico. Desta maneira, apresento dados do meu projeto de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (Unicamp), no qual investigo um grupo aberto no Facebook, composto por professores e profissionais da área de Português Língua Estrangeira. O objeto de análise da proposta aqui apresentada é um blog, nomeado “Entre redes e percursos”, no qual busco divulgar dados gerados durante a realização da pesquisa. Da mesma forma, pretendo, com tal instrumento, pautar discussões sobre considerar a educação com base na pluralidade (PRETTO, 2010) e, principalmente, espaços de (des)aprendizagens (FABRÍCIO, 2006). Por fim, dado que minha pesquisa focaliza construções identitárias na formação de professores, procuro estimular ações de mobilização para a criação/desenvolvimento de zonas de contato entre professores, que prefigurem discussões crítico-reflexivas para além dos repositórios acadêmicos.

Palavras-chave: Linguística Aplicada; Divulgação Científica; Formação de professores; Português Língua Estrangeira.

Abstract:

Throughout epistemologies to which Applied Linguistics is affiliated, I believe to be essential to discuss researchers' ethical commitment about engaging themselves into strategies of dissemination which enables the area and the postgraduate programs being responsible to rethink scientific knowhow. Therefore, I present some data of my masters project at the Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (Unicamp). I investigate an open group on Facebook, composed by teachers and professionals of Portuguese as a Foreign Language. My subject of analysis is a blog, named “Entre redes e percursos”, in which I intend to disseminate generated data during research achievement. Similarly, I intend, through this apparatus, to establish discussions which concern education on the basis of plurality (PRETTO, 2010) and mainly (un)learning arenas (FABRÍCIO, 2006). In conclusion, knowing that my research aims to analyze identities construction in teachers' education, I focus to stimulate mobilization actions for creation/development of contacts zones among teachers, mainly those that prefigure critical and reflexive debate beyond institutional repositories.

Keywords: Applied Linguistics; Science Dissemination; Teacher's education; Portuguese as a Foreign Language.

1. Introdução

O tópico de discussão apresentado neste artigo está relacionado ao projeto de mestrado que desenvolvo junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, na Unicamp. O objetivo da pesquisa desenvolvida no programa é investigar como são

¹ Mestrando do Programa de Pós Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual de Campinas e integrante do grupo de pesquisa E-lang (Unicamp/CNPq). Graduou-se em Licenciatura em Letras: Português-Inglês pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Seus interesses principais estão relacionados à formação contínua de professores de Português como Língua Estrangeira.

mobilizadas discursivamente as identidades docentes dos membros do grupo “Ensinar português como segunda língua”². Além disso, dou seguimento à pesquisa através da análise do grupo como um site de rede social (BOYD; ELLISON, 2007), procurando desenvolver um diálogo entre os dados estatísticos da Análise de Redes Sociais (RECUERO, 2009; RECUERO, 2014; SILVA; STABILE, 2016) com as interações e relações que se dão no grupo. Dessa maneira, poderei compreender como é vivenciando o processo potencialmente formativo que ocorre no grupo em questão.

Como instrumentos de pesquisa utilizo: (a) construção analítica do grupo através da Análise de Redes Sociais; (b) questionários voltados aos protagonistas do grupo e demais membros; além de (c) grupos focais com alunos de formação inicial, pós-graduação da Unicamp e da UFRJ, e também com protagonistas do “Ensinar português como segunda língua”. Portanto, emprego uma abordagem multimetodológica (DORNYEI, 2007), embasada na perspectiva da cartografia (PASSOS et al., 2010).

Para a discussão deste artigo, focalizo o blog “Entre redes e percursos”³ como produção de conteúdo cartográfico, no qual realizo a publicação de diários de campo e de dados de verificação mensal do crescimento de membros do grupo. O blog também se torna um espaço de divulgação de relatos de experiência de minha participação em eventos na qual minha pesquisa é alvo de discussão. Além disso, outras análises de dados são/serão publicadas neste espaço online, de modo que os participantes da pesquisa possam estar cientes de como os dados gerados têm sido visualizados/interpretados. Nos próximos tópicos darei mais ênfase à experiência de produção do blog como instrumento de pesquisa.

2. Diálogos possíveis entre Linguística Aplicada e divulgação científica

Tenho dois objetivos principais com a discussão que pretendo iniciar, tendo o blog como instrumento de pesquisa em Linguística Aplicada. O primeiro deles é concretização da proposta de investigação baseada na construção dialógica do conhecimento. Dessa maneira, pretendo promover um diálogo em torno da ética na relação de pesquisador e participantes de pesquisa, ciente de que “formação de professores” é um objeto complexo (SIGNORINI, 1996), que incita temas generalistas e se dá através de visões de mundo conflitantes, não acarretando no olhar enviesado do pesquisador sobre seu “objeto de pesquisa”. O segundo, por sua vez, trata-se da intenção de que o blog se torne um

² Este grupo está inserido na rede social Facebook e tem status de privacidade público.

³ Consultar: <<https://danieldossantosufr.wixsite.com/redesepercursos>> Acesso em: 04/07/2018.

repositório de livre-acesso aos diários de campo produzidos por minha intervenção no grupo “Ensinar português como segunda língua”. Nesse sentido, entendo que participantes de pesquisa não ocupam (ou, ao menos, não deveriam ocupar) uma posição subalterna na hierarquia do fazer científico.

A Linguística Aplicada, em sua natureza inter/transdisciplinar, se concentra em investigações acerca de práticas sociais e modos de constituição de sujeitos nos quais a linguagem ocupa um papel central e determinante. Além disso, é reconhecidamente característico desta área o foco social(izante) das pesquisas empreendidas no campo aplicado. Por outro lado, também é visível a distância estabelecida entre academia e “pesquisados” no que diz respeito à cultura logocêntrica do *homo academicus* (FERREIRA, 2012). Este paradoxo entre diferentes posicionamentos vigentes na produção de conhecimento pelas universidades é o que promove linhas de fuga para repensar práticas estabelecidas, a fim de resgatar a tradição da Linguística Aplicada no Brasil em quebrar paradigmas arborescentes e hierarquizantes (SIGNORINI, 2015: 1244).

Partindo deste relato da experiência, considero importante ampliar a discussão para quaisquer outras estratégias de divulgação científica além dos formatos de teses e dissertações, principalmente aquelas que procurem aproximar participantes de pesquisa dos resultados das mesmas. Além disso, essa discussão pode tornar-se uma pauta que cubra a produção de conhecimento na pós-graduação do Brasil como um todo. Desse modo, considero a divulgação científica como um meio importante de repensar a área de Linguística Aplicada atualmente, ainda que se reconheça como socio-historicamente pautada em vieses transdisciplinares e socializantes, não intencionando purismo(s) ou neutralidade(s). Para tanto, destaco potenciais usos do blog “Entre redes e percursos” que contribuem para a reflexão.

É pertinente sublinhar as características que fazem do meu objeto de pesquisa (formação de professores de Português Língua Estrangeira) alvo de interesse para discussões mais abrangentes e de caráter público. Formação de professores é, necessariamente, um tema generalista. Almeida Filho (2014) aponta a necessidade de fomentar a institucionalização da profissão em universidades brasileiras, dado que muitos postos de trabalho são ocupados por profissionais de áreas distintas. Portanto, compartilhar pesquisas nesse âmbito torna-se essencial no desenvolvimento de políticas linguísticas mais categóricas no Brasil e possibilita o posicionamento da opinião pública. Em acréscimo, o blog serve como zona de contato para interessados na área, assim como

o grupo do Facebook. Como aponta Nelson Pretto (2010), torna-se efetivo desenvolver novas estratégias para pensar a educação/formação contemporânea. Assim, as pesquisas podem se tornar instrumentos de aprendizagem/formação. Tornar as relações entre pesquisador e participantes mais horizontais, menos centralizadas e mais colaborativas oferece a estes últimos outros papéis, para além de subalternos, objetos ou de meros consumidores (PRETTO, 2010).

3. Criação, implementação e ressignificação do instrumento de pesquisa

A criação do blog se manifestou, primeiramente, como um meio de organizar dados gerados durante a pesquisa. Através deste instrumento, também pretendia que se tornasse um laboratório online disponível aos participantes. Nesse sentido, ao estar disponível em um espaço dito público (online), o blog seria capaz de mobilizar propostas que fossem além de uma simples disposição dos ‘achados’, como um quadro em um museu. Para tanto, compreendia este instrumento por meio de dois aspectos principais: (i) a concentração de dados em um espaço e a (ii) publicização dos mesmos aos participantes envolvidos.

Além destes dois aspectos e, abrindo espaço para o debate sobre divulgação científica *stricto sensu*, verifiquei que o ato de tornar público os dados e desobscurecer o fazer científico em pesquisas envolvendo linguagem me permitia questionar a problemática do uso ético do conteúdo produzido em sites de redes sociais. Além disso, me posicionava em direção contrária aos rumos que vem tomando o Facebook em relação à manipulação criminosa de dados de usuários⁴. Desta maneira, poderia alcançar outros dois objetivos: (i) iniciar uma discussão que destaca a importância de visualizar o meio online como parte integrante das “redes sociais”⁵ (LAZEGA; HIGGINS, 2014, p.6) e não como um espaço que almeja neutralidade; e (ii) fomentar a importância do papel social de pesquisador na academia no diálogo permanente com a sociedade. Um compromisso que deveria ser ponto-chave de discussão na Linguística Aplicada e na universidade como

⁴ Como afirma danah boyd em uma publicação no seu perfil do Medium, é necessário desmascarar a política de algoritmos do Facebook e seu poder como empresa sobre seus usuários, de modo que a ética no uso destes passe a ser menos obscura, mais transparente e radicalmente dependente de estratégias de consentimento. Disponível em: <<https://medium.com/message/what-does-the-facebook-experiment-teach-us-c858c08e287f>> Acesso em: 06/07/2018.

⁵ Nos termos de Lazega e Higgins (2014, p.6), a concepção sociológica de redes sociais como um fenômeno não é emergente da Internet, mas de todo tipo de agrupamento social entre seres humanos.

um todo⁶.

De início, organizei o blog de modo que ele se tornasse um material relevante à compreensão da pesquisa para participantes do grupo “Ensinar português como segunda língua”. Estabeleci contato com o administrador da página e solicitei que, ao fazer um post que explicasse minha entrada no campo como pesquisador, ele o fixasse, a fim de deixá-lo à mostra aos participantes. Neste texto, após explicitar os objetivos de minha permanência ali, deixei o link do blog, o qual expandia a discussão para além dos caracteres do post. Imediatamente fui percebido como pesquisador e fui adicionado por alguns membros. Recebi mensagens por inbox em meu perfil, assim como recebi assinaturas no blog para que quando eu postasse novos diários de campo ou outros textos, tais usuários fossem notificados. Ainda que essa interação tenha diminuído com o passar do tempo, pretendo, com este artigo, estabelecer uma discussão em potencial, em vez de apresentar um grande caso de sucesso, me permitindo tecer conclusões que se limitam, por ora, a descrever um relato de experiência.

O blog se estrutura através de abas que correspondem a: (a) relatos de minha participação em eventos (aba “Notícias”); (b) aspectos descritivos da pesquisa (abas “Apresentação”, “O pesquisador no campo” e “A proposta netnográfica”); (c) visualização dos dados gerados (abas “Diários de Campo” e “Protagonistas”) e (d) um direcionamento possível para outros espaços de discussão sobre PLE, caso seja do interesse de quem acessar meu blog. Deste último, acrescento a importância de pensar a ampliação de espaços de interação e zonas de contato para professores. Espaços online direcionados à formação docente podem promover instâncias que questionem as dicotomias entre formação “inicial” e “continuada” e que elucidem o borramento de fronteiras entre o online e o offline. Podem, ainda, desmistificar a sala de aula presencial e lembrar que a formação docente pode se realizar em espaços virtuais⁷.

4. Do engajamento dos participantes nas interações em potencial

O blog “Entre redes e percursos” pode ser encontrado por meio de diferentes

⁶ A Unicamp é pioneira na inclusão da divulgação científica em sua política institucional. Semestralmente seleciona pesquisadores para participarem de workshops de formação e passarem a contribuir com a rede “Blogs de Ciência da Unicamp”. Disponível em: <<https://www.blogs.unicamp.br/>> Acesso em: 06/07/2018.

⁷ Não pretendo, com isso, encerrar o debate sobre a formação de professores a distância. Minha intenção, com essa discussão, é entender que a demanda por espaços formativos presenciais em PLE no Brasil é enorme e, enquanto não se torne uma política linguística rigorosa, espaços online podem e devem servir ao encontro de professores em formação.

trajetórias. Poderia ser acessado através do post fixo no grupo, por meio de uma busca no Google com temas relativos a Português Língua Estrangeira ou ainda como uma referência direta a mim. De outro modo, também poderia direcionar a outros espaços, como um mecanismo que pode direcionar o interessado ao meu perfil da Plataforma Lattes, do Academia.edu, ao meu perfil de pesquisador no Facebook, a um contato via email ou ainda através do dispositivo de mensagem do blog. Assim, torna-se um intermediário para variadas pontos de partida daquele que se dispuser a interagir comigo (ou com o conteúdo disponível). Meu objetivo era justamente esse: transformar o blog em um facilitador no contato com o pesquisador.

O pesquisador não é (ou não é interessante que seja) uma entidade da qual não necessitamos vê-la para crer que exista. Sua presença como interlocutor no texto acadêmico é crucial para debatermos a não neutralidade da produção de conhecimento, qualquer que seja a área. Portanto, como alguém que não almeja ser estranho, decidi manter disponível toda forma de contato comigo durante e após a realização da pesquisa. Ademais, parte de consentimento que enviei ao comitê de ética discriminava, explicitamente, formas de contato, a qualquer tempo, com o pesquisador responsável. O blog atua nessa seara onde não há possibilidades plausíveis de que todos os membros do grupo o assinem. Meu compromisso sempre foi empenhar-me no trato ético com a geração de dados e com a imagem dos participantes. Não me parece muito confortável ter um pesquisador que invada os espaços onde se acredite estar imune pela privacidade. Aliás, privacidade é um tópico importantíssimo, mas não vou adentrar essa discussão por aqui. Prosseguindo, apresentarei alguns excertos que exemplificam a participação ativa de alguns usuários com o blog e minha presença como pesquisador no grupo.

Das interações com o conteúdo compartilhado, sublinho, aqui, as ocorrências:

- Interações através reações (curtir, “amei”, “haha”) e comentários com dois posts sobre a pesquisa publicados no grupo do Facebook;
- Interações através do chat no Messenger e solicitação de amizades com o perfil de pesquisador;
- Compartilhamentos do post fixo por membros do grupo em suas próprias timelines;
- Visualizações do perfil do Academia.edu e assinaturas do blog;
- Mensagens enviadas pelo blog.

Um dos aspectos mais importantes em evidenciar a participação dos membros do grupo em minha pesquisa é a descaracterização destes de uma imagem de ingenuidade.

O participante nas pesquisas não é um ser desvozeado, sem posicionamento ou acrítico, necessariamente. Sua participação não é uma simples resposta ao estímulo do pesquisador em questionários. Compreender a não-neutralidade de pesquisas, principalmente em Ciências Sociais, é partir do pressuposto de que mesmo os grupos que parecem homogêneos, não o são, e que a replicação de um instrumento de pesquisa com objetivos similares é obrigatoriamente falha ao gerar dados idênticos. Portanto, os trechos de interações que pretendo destacar ilustram as diferentes concepções dos participantes em relação ao pesquisador, à pesquisa realizada e a eles mesmos, delineando diferentes graus de intencionalidade.

A figura 1 destaca um participante que compreendeu um dos objetivos principais da minha pesquisa. Cerca de uma semana após minha entrada no grupo como pesquisador, este participante compartilhou meu post em sua timeline, adicionando um comentário⁸. Ressalto os itens lexicais “entender” e “aprender” como papéis sociais a serem ocupados pelos interessados em minha pesquisa. Esses papéis são responsáveis por desvencilhar a figura dos participantes de uma figura deslocada do fazer científico. Passam a ser reconhecidos de forma ativa em todo o processo. Além disso, há o destaque para o meio gerador deste papel: “espaços [...] sobre o processo de pesquisa”; por referência, o blog.

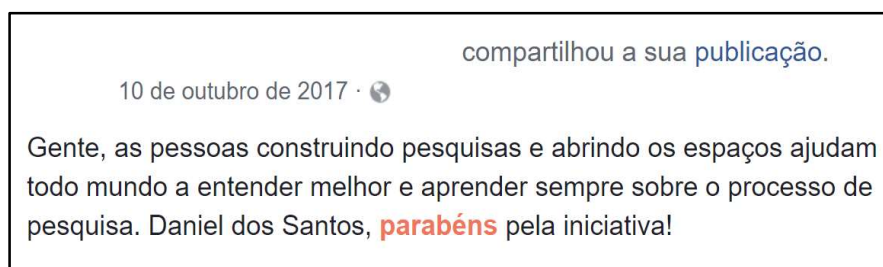


Figura 1: Compartilhamento do post fixo na timeline de um participante

A figura 2, por sua vez, se trata de uma mensagem enviada através do blog por um participante que também se interessou em assinar a newsletter. No que pude acompanhar, tal participante sempre abria o e-mail quando recebia notificações. Sua percepção sobre a leitura do blog traz facetas não aparentes na avaliação do primeiro excerto. Esta mensagem me caracteriza através de uma construção identitária que conjuga minha individualidade “fora” da pesquisa com a práxis do fazer científico. Ainda acrescenta que o conteúdo produzido por mim é capaz de constituir a percepção avaliativa que o participante nutre acerca do pesquisador. De forma grata, reconhece sua

⁸ Não inseri o post ao comentário para que a figura não ocupe demasiado espaço no texto.

colaboração ativa em minha pesquisa e salienta sua possível convergência com uma de minhas afiliações teóricas.

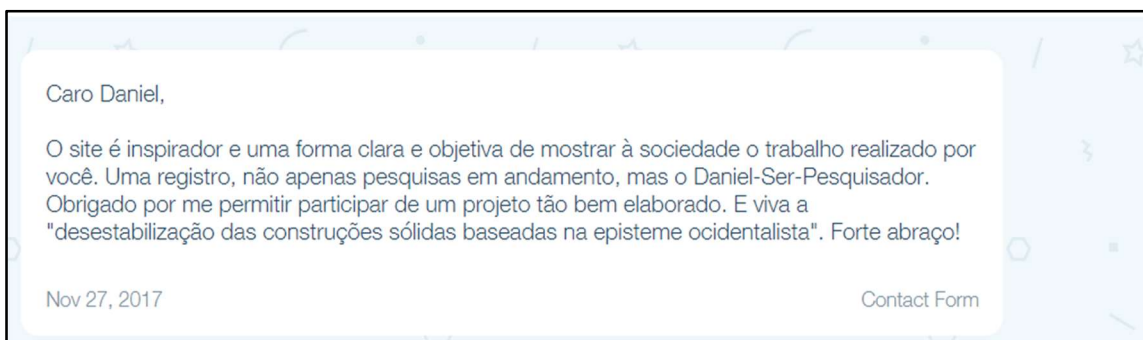
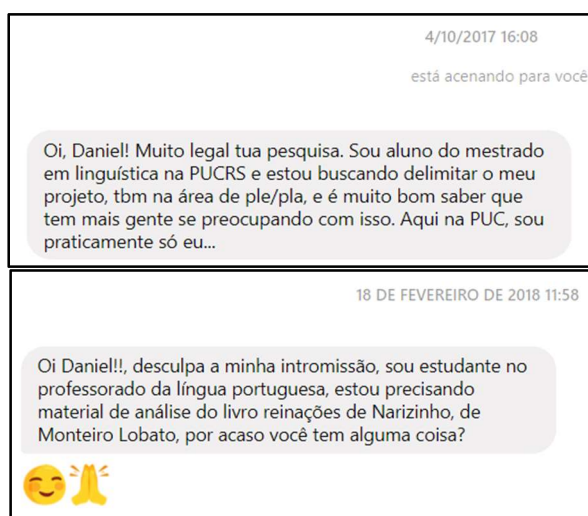


Figura 2: Mensagem enviada ao blog por um participante

Os dois últimos exemplos, enviados por integrantes do grupo ao meu perfil do Facebook, ilustram o pesquisador como aquele que possui saberes diferenciados. A primeira imagem reconhece a importância de investigar a área de PLE/PLA (Português Língua Estrangeira/Português Língua Adicional, respectivamente), assim como a escassez de pesquisadores que se detêm a compreender o campo. Ainda que, aparentemente, na mesma condição acadêmica, este participante faz coexistir sua avaliação positiva da minha pesquisa com seu projeto em fase de desenvolvimento. Já a figura 4, enviada quase quatro meses após minha entrada em campo, me classifica como um facilitador em potencial para auxiliá-la com materiais para aulas de PLE. Talvez por meu post permanecer fixo, este participante compreendeu que eu poderia ser uma fonte para compartilhar experiências.



Figuras 3 e 4: Mensagens enviadas ao Messenger por membros do grupo

Com estas análises, pretendi demonstrar que o pesquisador em campo, ainda que

em observação-não participante, se encontra em um estado intervencionista (PASSOS et al, 2010). Os participantes de pesquisa não devem ser encaixotados em posições silenciadas, nem o pesquisador precisa se resguardar entre quatro paredes, em um laboratório, sem se identificar. Para tanto, optar pela divulgação científica, pelo compartilhamento dos dados e pela exposição dos termos de pesquisa, além de um compromisso ético, pode salientar estratégias de colaboração no desenvolvimento investigativo. Sendo assim, é imprescindível frisar o compromisso da Linguística Aplicada em dar voz aos participantes de pesquisa desde que se compreende como área autônoma. Com este artigo e os dados que apresento, pretendo prosseguir com o processo de (des)orientação das pesquisas na área. Neste momento, através da divulgação científica.

5. Considerações finais

Este artigo, para além de uma demonstração de dados gerados no percurso de minha pesquisa, é um convite a promover modos de produção de conhecimento que viabilizem um *ethos* discursivo menos hierárquico no modelo “pesquisador” → “pesquisado”. O blog, por sua vez, pretendeu sustentar posicionamentos teórico-metodológicos em torno da (des)orientação de uma tradição científico-social que apresenta variados redirecionamentos sobre a figura o pesquisador, mas que não quebra, de forma radical, com tais teorizações. Quando argumento em favor desse desligamento, ressalto a relação estabelecida entre os resultados de pesquisa e a sociedade. Essa relação centraliza a figura do *homo academicus* em torno do diálogo entre o “sujeito da ciência e sua prática”, fazendo com que se continue a percorrer “ruelas de ortodoxia” (FERREIRA, 2012, p. 290).

Ainda que Rajagopalan (2006) fale de pesquisas na área de Linguística, é possível compreender a “língua do nativo” como sendo o repertório linguístico que é utilizado pela comunidade, principalmente no que concerne à discussões realizadas no âmbito da formação de professores. Se o professor atuante em contextos de ensino-aprendizagem é incapaz de narrar e se posicionar acerca de sua experiência, quem seria? O pesquisador? Dessa maneira, na crítica que Rajagopalan (2006) tece para com linguistas, parto do mesmo princípio para construir argumentos no descompasso que a academia estabelece entre participantes de pesquisa e a importância de sua contribuição ativa no fazer científico:

Em outras palavras, o nativo só vale enquanto fornecedor de dados. A análise desses dados deve ficar exclusivamente por conta do linguista. Isto é, ao linguista interessa tudo o que o nativo diz *em* sua língua. Se, porventura, o mesmo nativo começa a falar sobre a língua, a melhor opção para o linguista é não dar ouvidos ao seu entrevistado, pois o que o nativo tem a dizer sobre sua própria língua só pode atrapalhar o rumo da pesquisa [...]. A metalinguagem está fora do alcance do leigo (RAJAGOPALAN, 2006, p. 156)

Concluo este artigo relatando que a instrumentalização do blog tornou-se um aparato relevante em minha experiência como pesquisador, como aquele que vivenciou teorizações que concernem ao construto epistemológico da Linguística Aplicada. Além disso, compreendo que (des)orientar-se é um posicionamento contingente e necessário, ao qual todo linguista aplicado deve recorrer, deixando para trás fórmulas, pressupostos, métodos de replicação e paradigmas dogmáticos toda vez que atrever-se a compreender práticas de linguagem.

Referências bibliográficas

ALMEIDA FILHO, J.C.P. Ensino de português língua estrangeira/EPL: a emergência de uma especialidade no Brasil. In: LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A. e RIBEIRO, S. (Orgs.). *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias* [online]. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 723-728.

FABRÍCIO, B.F. Linguística aplicada como espaço de “desaprendizagem”: redescições em curso. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

FERREIRA, D. M. M. Homo academicus: crise identitária e prática científica. *Signótica*, v. 24, n. 2, p. 287-303, jul/dez 2012.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2010.

PRETTO, N. Redes colaborativas, ética hacker e educação. *Educação em Revista*. v.26 n.º.3. Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-46982010000300015>> Acesso em: 04/07/2017.

RAJAGOPALAN, K. Repensar o papel da Linguística Aplicada. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

SIGNORINI, I. Contribuições da Linguística Aplicada para o ensino de Português. In: SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA, 5., Salento, 2017. *Atas do V SIMELP: Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa*, Università del Salento, 2017. p. 1241-1248.